

A herdeira de Lóczy

Anna Tardos fala sobre o legado do trabalho de sua mãe Emmi Pikler para o cuidado dos bebês e como os educadores podem orientar as crianças pequenas para a autonomia.



Camila Ploennes

Antes de começar a conversa com El, Anna Tardos pede para folhear a quinta edição da revista, que tem os bebês como tema de capa. Provavelmente porque eles são o centro de um complexo trabalho realizado desde 1946 em Budapeste (Hungria) e que a psicóloga passou a dirigir como sucessora de sua mãe, a médica pediatra Emmi Pikler (1902-1984). No Instituto Lóczy, criado por Pikler para atender crianças órfãs ou abandonadas após a Segunda Guerra Mundial, a médica liderou estudos sobre o desenvolvimento dos bebês e a conduta dos adultos responsáveis por essas crianças. Ela deixou como legado uma sequência detalhada de ações que os profissionais podem adotar no cuidado cotidiano dos bebês, de modo a garantir seu crescimento em condições físicas, psicológicas e afetivas saudáveis.

Lóczy, que é o nome da rua onde a instituição foi erguida, é hoje chamado Instituto Pikler e não é mais um orfanato, mas uma creche, onde mesmo após as mudanças continua uma intensa atividade de pesquisa sobre a infância. Em viagem ao Brasil no mês de agosto, Anna Tardos fez uma palestra sobre a abordagem Pikler para profissionais de educação infantil em Santo André, na Grande São Paulo.

Na véspera do encontro, organizado pelo Centro de Estudos para a Valorização da Infância e seus Direitos (VID), a psicóloga concedeu a entrevista exclusiva a seguir. Ela fala sobre a importância do trabalho de Emmi Pikler na liberação dos movimentos do bebê e na elaboração de uma verdadeira coreografia de como o adulto deve agir durante os cuidados. Indica como o educador pode reconhecer as competências da criança pequena de modo a orientá-la para a autonomia e explica as diferenças entre as relações de cuidado na família, no abrigo e na creche, entre outros temas que têm interessado cada vez mais instituições brasileiras de educação infantil.

No ano passado, durante o Congresso de Educação Infantil em Barcelona, a senhora fez uma conferência sobre a conquista da liberdade. Como se pode proporcionar liberdade aos bebês?

O bebê está em uma situação paradoxal, porque para sobreviver ele é dependente do adulto. Não pode

se mexer, ficar de pé, não pode se vestir, se proteger contra o frio, não pode preparar a comida e não sabe muitas coisas que os adultos sabem, principalmente o recém-nascido, mas também o de 2 e 3 anos. E o adulto vê só um lado da vida da criança. As pesquisas científicas pouco a pouco provam que mesmo o pequeno bebê tem competências: ele não é passivo, mas influencia o adulto com a sua dúvida, seu olhar, seu choro ou sorriso, ao cooperar ou não cooperar. Desde o primeiro momento ele é curioso, olha, faz suas experiências com a cabeça, olha suas mãos, perde, busca. Ele é um verdadeiro pesquisador e assim vai influenciando pouco a pouco o adulto. Muitos pais, não em todas as áreas, mas na área emocional, se esforçam para entender o que o bebê está tentando expressar. Mas nos estabelecimentos de educação isso não funciona tão facilmente. A liberdade para mim é dar o espaço, assegurar esse outro lado que é característico do bebê, que é dar-lhe a possibilidade de agir e viver espontaneamente, e não apenas como um espelho do adulto.

Estudos de acompanhamento apontam que as centenas de crianças órfãs atendidas pelo Instituto Lóczy, com base nos ensinamentos da pediatra Emmi Pikler, sua mãe, se tornaram adultos com personalidades saudáveis. A quais fatores isso se deve?

Eu gostaria de, antes de responder isso, falar um pouco mais sobre o início do Instituto Lóczy, para exemplificar toda a originalidade do pensamento e do trabalho de Emmi Pikler.

Certo.

Ela tinha uma visão aberta de levar as crianças a serem ativas e autônomas. O mais visível está nos movimentos. Há 100 anos se colocava a criança de pé, se forçava a criança a determinadas posturas, ela era colocada em cadeiras e amarrada. As crianças eram completamente imobilizadas. Quando Emmi Pikler propôs, então, deixar a criança deitada de costas sobre uma superfície e de barriga para cima, ela liberou os movimentos do bebê. Ele não vive passivamente, fechado, enrolado. Ele pode seguir seus interesses e, assim, não é necessário a todo o momento provocar o bebê a fazer alguma coisa.

E em relação aos cuidados?

É a mesma coisa durante os cuidados. Faz 100 anos que fazemos os cuidados muito rapidamente porque é algo da rotina. Então o adulto é pressionado a fazer tudo muito rápido. Emmi Pikler disse: “pare, olhe primeiro a criança, veja se ela abre a boca ou não, coopere com o bebê, fale com ele”. Tocá-lo, fazê-lo se mexer, colocar alguma coisa em sua boca são procedimentos muito íntimos, são os momentos mais importantes da vida dele. E, se fazemos tudo isso muito rápido, é como fechar o bebê na passividade; ele não tem espaço de agir, de se expressar. Portanto, nas duas situações, Emmi Pikler deu ao bebê liberdade de ser, de existir e de ser aceito. Durante dez anos ela trabalhou como pediatra com famílias, dando conselhos concretos de como ajudar essas crianças. Não é unicamente deixá-los. É uma situação paradoxal: nós vemos que o bebê está à vontade por ele mesmo, mas é o adulto que permite, somos nós que organizamos a sua vida – seu entorno, sua roupa, seu lugar e, sobretudo, a sua segurança emocional. A criança é ativa e interessada se tem o prazer de viver. E ela só tem prazer de viver se for bem cuidada, e se quem cuidar dela tiver apego. Sem isso, nada funciona.

De que forma Emmi Pikler organizou esse trabalho?

Ela fundou o instituto em 1946, recebendo crianças em pequenos grupos e não 15 ou 20. Ela viu na Ucrânia dormitórios de 50 crianças. Então ela formou pequenos grupos, de dez, oito crianças, e propôs a estabilidade do adulto. Um adulto trabalha sempre com o mesmo grupo; três pessoas ou quatro por grupo, porque alguns trabalham menos. Mas a equipe era a mesma durante anos. E é necessário organizar uma estrutura: pequenas unidades, estabilidade, para a criança e o adulto se conhecerem. Então o adulto sabia que amanhã e depois de amanhã ele sempre cuidaria de determinada criança. E

pensava: “eu sei como acalmar essa criança hoje, porque eu estava ao lado dela ontem”. Ela elaborou uma coreografia de como o adulto deve agir durante os cuidados. Porque nós não podemos dizer para a educadora que ela deve amar a criança, como a mãe. Ela não podia escrever que a educadora tem de amar. Não podemos dizer que deve ser gentil. Afinal, o que é ser gentil? Emmi Pikler trabalhou os detalhes. Por exemplo: não é possível pegar um bebê sem dizer “olá, eu estou aqui, eu vou te pegar”. Não é permitido pegar e puxar o seu braço e fazer tudo rápido. Tem de falar, como quando nós falamos com as flores: “O que você está fazendo? Eu vou te levantar pelos braços. Eu vou te alimentar”. O bebê escuta atentamente, ele é humano, muito sensível. Se ele escuta o adulto, é mais fácil para ele aprender a falar. E para isso tem de dar tempo.

Qual deve ser o equilíbrio entre o livre brincar e o estímulo?

No abrigo, as crianças foram cuidadas para brincarem livremente em um grande parque e nunca pensamos em estimulá-las o tempo todo. Se uma criança não é ativa durante a jornada, vamos pesquisar o que está acontecendo entre a criança e o adulto. Observamos como a educadora dá de comer, como faz a higiene, se é um prazer para essa criança ser cuidada... É outra lógica. Em geral, as crianças dos abrigos não se desenvolvem tão rapidamente quanto as crianças das famílias. Então as educadoras estimulam: você pode brincar com isso, pode caminhar. Elas estimulam que essas crianças sejam como as outras crianças.

Qual a importância do registro nesse processo?

O educador precisa preencher um caderno sobre o desenvolvimento de cada criança. Todo mês, são páginas e páginas sobre o bebê: aos 6 meses, aos 7 meses, 8 meses. Sempre tem um questionário sobre todos os detalhes. Para preencher esse caderno de desenvolvimento, é preciso refletir cada mês na sua casa ou ao meio-dia enquanto as crianças comem ou dormem: como é essa criança? Como é a nossa relação? Como é a relação com as outras? Ela age diferente quando alguém vem nos visitar, quando alguém nos observa? Qual a comida de que ela gosta e de que ela não gosta? Qual é a melhor fruta? Come pouco ou muito? Essa observação se torna uma atitude. E isso foi observado durante anos. Uma educadora me disse “eu vejo até com os meus dedos”. Quando há um conflito, ela já sabe o que tem de fazer para que aquilo pare.

No artigo “Estar com bebês”, a senhora afirma que é impossível uma educadora amar todas as crianças com quem convive diariamente. Por outro lado, as ações de cuidado detalhadas no texto incluem o diálogo por meio de gestos, olhares, fala e a atenção a movimentos bruscos, que são traços de afetividade...

É uma questão muito difícil de explicar. A boa educadora não é a mãe. Para a mãe, o filho é seu presente, sua história e o seu futuro. Mesmo sendo mais velha, ela continua sendo a criança da mãe. Sou mãe de três filhos... Eu sou a mãe e eu continuo falando “você não colocou o casaco” e meu filho já tem três crianças. E ele fala “mãe, eu sou adulto”. Mesmo eu tendo netos, ele continua sendo meu filho toda a vida. Em um abrigo – porque na creche é diferente – aquela não é a minha criança. E é preciso preparar a criança para voltar a ter uma família. Esse amor é terapêutico, profissional. A criança não é minha para toda a vida. Não se pode fechar a criança. Se alguém fechá-la, ela vai ser inquieta e, se o adulto precisa se ocupar de outra criança, então ele precisa de espaço. E a outra criança vai sentir falta quando esse adulto não estiver lá.

É uma “afetividade profissional”?

Essas questões e observações são muito complicadas de descrever. Se escrevemos sobre isso, há muitos mal-entendidos depois. E as educadoras amam essas crianças. Elas têm as fotos dessas

crianças, elas têm um afeto controlado. A mãe também tem de se controlar, mas a educadora deve ter consciência da observação e de atividades terapêuticas para ajudá-la a refletir mais e não só procurar fazer com que a criança a ame. É uma questão de empatia e responsabilidade. “Eu sou responsável por você. Você estava muito mal quando chegou aqui e agora você pode brincar, tem prazer de viver. Você é muito importante na nossa vida. Você já pode estar com uma família, ou de origem ou adotiva.” É muito difícil e elas choram, porque essa separação não é simples, já que o amor tem de ser controlado. Se a cuidadora não faz esse trabalho, ela não é capaz de se ocupar de outra criança depois, porque é como se tudo o que ela ofereceu fosse embora junto com aquela criança que foi morar com uma família.

E na creche, como se estabelece e qual a importância dessa relação de afetividade?

Na creche é mais fácil de controlar. Basicamente porque na creche a educadora é responsável, amiga, mas não rivaliza com a família. No orfanato é diferente: a criança não tem a mãe. Mas a professora sabe que mesmo que a mãe não vá visitar, essa mãe existe e a criança não pode ficar muito tempo no abrigo – tem de ir embora para uma boa família ou retornar para sua família. Mas a criança só vai ter sucesso se ela tiver um bom equilíbrio emocional. Muitas crianças quando vão viver com as famílias perturbam, não conseguem ser amadas. Completamente diferente é entregar à família uma criança que está bem fisicamente e psicologicamente. Não podemos nunca pensar que um abrigo vai ser melhor que uma família. Por outro lado, há famílias que não podem funcionar, porque têm atitudes com as crianças que não podemos deixá-las ter e é por isso que existem os abrigos. Mas, depois de passar pelo abrigo, é preciso achar uma família para a criança. É impossível entender tudo rapidamente. Devido a essa complexidade, nós precisamos de anos de experiência para começar a entender